



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CERRO LARGO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS E ESPANHOL**

DJÉSSICA FOLLMANN DE LIMA

**DISCRUSOS ACERCA DO INCÊNDIO NA BOATE KISS (SANTA MARIA – RS):
compreensões de capas do jornal *Diário de Santa Maria***

CERRO LARGO

2014

DJÉSSICA FOLLMANN DE LIMA

**DISCRUSOS ACERCA DO INCÊNDIO NA BOATE KISS (SANTA MARIA – RS):
compreensões de capas do jornal Diário de Santa Maria**

**Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau
de Licenciado em Letras Português e Espanhol da
Universidade Federal da Fronteira Sul.**

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Beatriz Dias

CERRO LARGO

2014

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Lima, Djéssica Follmann de
DISCRUSOS ACERCA DO INCÊNDIO NA BOATE KISS (SANTA
MARIA ? RS): : compreensões de capas do jornal Diário
de Santa Maria/ Djéssica Follmann de Lima. -- 2014.
17 f.:il.

Orientadora: Ana Beatriz Dias .

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS E ESPANHOL , Cerro
Largo, RS, 2014.

1. Estudo e análise das capa do jornal Diário de
Santa Maria . I. , Ana Beatriz Dias, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.□

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela
UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO

Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão em Letras de **Djéssica Follmann de Lima**.

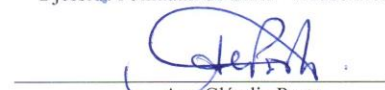
Aos vinte e três dias do mês de julho de dois mil e quatorze, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão em Letras de **Djéssica Follmann de Lima**, intitulado: “DISCURSOS ACERCA DO INCÊNDIO NA BOATE KISS (SANTA MARIA – RS): COMPREENSÕES DE CAPAS DO JORNAL DIÁRIO DE SANTA MARIA”. Compuseram a banca examinadora os professores **Ana Beatriz Ferreira Dias** (Orientadora), **Demétrio Alves Paz** e **Ana Cláudia Porto**. Após a exposição oral, a candidata foi arguida pelos componentes da banca que reuniram-se, reservadamente, e decidiram pelos aprovados, com a nota 8,6. Para constar, redigi a presente Ata, que aprovada por todos os presentes, vai assinada por mim, Coordenadora do Curso de Letras, e pelos demais membros da banca.


Ana Beatriz Ferreira Dias - Orientadora


Demétrio Alves Paz - Avaliador 1


Ana Cláudia Porto - Avaliador 2


Djéssica Follmann de Lima - Acadêmica


Ana Cláudia Porto
Coordenadora do Curso de Letras

Dedico este trabalho à minha família, minha razão e amor pleno.

DISCURSOS ACERCA DO INCÊNDIO NA BOATE KISS (SANTA MARIA – RS):

compreensões de capas do jornal *Diário de Santa Maria*

Djéssica Follmann de Lima*

Resumo

Neste trabalho, buscaremos compreender como um dado evento foi discursivamente construído pela mídia. Mais especificamente, nossa compreensão centra-se em discursos que tratam sobre o conhecido incêndio na boate Kiss, no dia 27 de janeiro de 2013, que causou a morte de 242 pessoas e deixou mais de centenas de feridos. Nosso objeto de análise é uma seqüência de capas publicadas no ano de 2014, um ano após a tragédia, pelo jornal *Diário de Santa Maria*. Por uma questão de delimitação, nossa leitura está focada na análise das capas do período de 23 de janeiro a 31 de janeiro de 2014. Para o desenvolvimento desta pesquisa, nos baseamos nas orientações teóricas e metodológicas propostas por estudiosos que vem desenvolvendo o que hoje é chamado de “estudos bakhtinianos”. Propomos pensar como através dos estudos bakhtinianos o discurso jornalístico constrói o evento da boate Kiss, 27 de janeiro de 2013. Focalizamos nossa análise nas capas de jornal, principalmente nos recursos expressivos nela empregados, para que possamos compreender o mundo por meio dos signos, das palavras e dos textos.

Palavras-chave: Signo. Linguagem. Texto. Palavra. Estudos Bakhtinianos.

Resumen

En este trabajo, tratamos de entender cómo un dado acontecimiento se construye discursivamente por los medios de comunicación. Más específicamente, nuestra comprensión se centra en los discursos que tratan sobre el conocido incendio en la discoteca Kiss, en 27 de enero de 2013, que causo la muerte de 242 personas y dejó cientos de heridos. Nuestro objeto de estudio es una secuencia de portadas publicados en 2014, un año después de la tragedia, en el periódico *Diário de Santa María*. Por una cuestión de definición, nuestra lectura se centra en el análisis abarca el período comprendido entre enero 23 a enero 31, 2014. Para desarrollar esta investigación, nos basamos en las directrices teóricas y metodológicas propuestas por estudiosos que se ha desarrollado lo que hoy es llamados "estudios de Bakhtín". Proponemos a pensar como a través de estudios de Bakhtín el discurso periodístico construye el caso, el evento da discoteca Kiss, 27 de enero de 2013. Centramos nuestro análisis en las portadas de periódico, sobre todo en sus rasgos expresivos empleados, para que podamos entender el mundo a través de signos, las palabras y textos.

*Acadêmica do Curso de Letras português/espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscamos compreender como um dado evento foi discursivamente construído em textos que circulam na mídia. Mais especificamente, nossa compreensão centra-se em discursos que tratam sobre o conhecido incêndio na boate Kiss, no dia 27 de janeiro de 2013, que causou a morte de 242 pessoas e deixou mais de centenas de feridos. Nosso objetivo é analisar como esse acontecimento foi abordado em capas do Jornal *Diário de Santa Maria*, um ano após o fato.

O jornal usa do texto (verbal e não verbal), para organizar a realidade. Usa do texto para organizar a vida. De acordo com Bakhtin (2011, p.308), ao pensarmos na linguagem como forma de compreender o mundo, percebemos que o texto é que nos proporciona essa realidade imediata. O texto é o objeto de pesquisa de qualquer disciplina das ciências humanas, “independente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida” (2011, p.308).

Ao definirmos que as capas do jornal são nosso material de análise, assumimos o papel que a mídia exerce através dele. Partimos do pressuposto que a mídia exerce um papel de propagação do que é dito como verdade. A partir disso cabe a pergunta: Quais são as verdades que a mídia traz nessas capas em torno da tragédia? Não buscamos esclarecer quem são ou não os culpados do acontecimento, mas, sim, compreender como, após um ano daquela tragédia, o evento está sendo construído por meio de recursos expressivos no jornal *Diário de Santa Maria*.


Para realizar nossa leitura, então, analisamos textos verbais e não verbais que compõem as capas do jornal *Diário de Santa Maria*, que é um dos mais lidos na região central do estado do Rio Grande do Sul (RS). Para fins de análise, selecionamos as capas publicadas pelo jornal entre 23 de janeiro e 30 de janeiro de 2014. E dentre essa seleção restringimos nossa análise nas capas dos dias 25, 26, 27 e 28 de janeiro de 2014. Focando a análise em textos que tratam do acontecimento supracitado.

Para realizar a pesquisa, selecionamos os jornais veiculados entre os dias 23 de janeiro e 31 de janeiro de 2014, totalizando, portanto, oito exemplares. A escolha deste período das publicações do jornal está relacionada aos dias anteriores e posteriores ao dia 27 de janeiro de 2014, data na qual a tragédia completava um ano.

Porém, durante a pesquisa, notamos a necessidade de delimitarmos ainda mais o número de capas. Com isso, nosso trabalho direcionou-se à compreensão das capas que compõem os jornais veiculados nos dias 25, 26, 27 e 28 de janeiro de 2014. Para fins de melhor organização da nossa análise, vamos nomear as capas como A, B e C.

A capa do dia 25 e 26 de janeiro, publicado em um único exemplar, será nossa capa A, representa o final de semana que antecede as homenagens e manifestações de um ano da tragédia. Em seguida a capa do dia 27 de janeiro, que será nossa capa B, data então na qual a tragédia completava um ano. Na sequência, o dia 28 de janeiro, capa C, um dia após a data de a tragédia completar um ano. Assim nossa demarcação ficou da seguinte forma:

Quadro 1 - Datas das capas analisadas.

 <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">Um ano após a data da tragédia.</div>							
23 de janeiro de 2014	24 de janeiro de 2014	25 e 26 de janeiro de 2014 Sábado e domingo	27 de janeiro de 2014 Segunda- feira	28 de janeiro de 2014 Terça- feira	29 de janeiro de 2014	30 de janeiro de 2014	31 de janeiro de 2014

Fonte: a autora.

2 O MUNDO POR MEIO DO TEXTO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, tomamos como base as orientações teóricas e metodológicas propostas pelo ciclo bakhtiniano e por estudiosos que vem desenvolvendo o que hoje é chamado de “estudos bakhtinianos”.

Com isso não vamos aplicar as teorias, mas vamos nos basear para realizar nossa leitura desta tragédia. Geraldi (2010) sugere que não devemos “aplicar” as teorias bakhtinianas, mas, sim, compreendê-las. A importância de um texto reside em sua capacidade de dialogar ativamente com outros tantos textos. Ao usarmos os modos de raciocínio de um pensador, estamos dando uma nova visão às suas teorias. O que Geraldi propõem é que os textos sejam cotejados entre si,

construindo, assim, compreensões e sentidos. Para que essa compreensão se efetive, é preciso que o pesquisador corra o risco de expor a sua própria compreensão, por vezes inacabada e provisória no processo de construção de sentidos. Com isso, há ofertas de possíveis compreensões, e não há a necessidade de que as mesmas sejam exatas, rigorosas, no sentido de serem positivistas. Podemos entender que “do diálogo saem modificados ambos os interlocutores, ou os textos estudados contrapostos a outros textos passam a ter outras vidas nos sentidos novos que vão adquirindo” (GERALDI, 2010, p.14).

Nossa compreensão acontece através de signos, palavras, textos, “a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos”, como afirma Bakhtin; Volochínov (2012 p.34). O mundo, a vida, acontece através da linguagem, do texto, “a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2012, p.38).

O círculo bakhtiniano buscou compreender como os discursos se constituem entre ideologia e linguagem. Todo enunciado tem ideologia, valoração, valor ideológico, significação social, como afirma Bakhtin:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2012, p.31).

O signo é um objeto físico, parte de uma realidade verbal, que reflete e refrata a realidade, “ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2012, p.32). Um signo não é apenas parte da realidade, podendo também alterar esta verdade e estar sujeito a avaliações ideológicas.

Para a existência de signos, deve haver relação entre sujeitos, mas sujeitos socialmente organizados e que formem um grupo, uma unidade social, de modo que “a existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2012).

Em alguns casos, as manifestações ideológicas são não-verbais, por isso, nem todo signo pode ser substituído por palavras. Em relação às capas, as palavras, por vezes, de toda a dor e comoção que o acontecimento carrega. Por vezes havendo necessidade de usar outros recursos além da palavra. Ainda sim é importante destacar que todas manifestações não verbais se apoiam nas palavras,

Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário é neutra em relação a qualquer função ideológica específica (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2012, p.37).

A palavra, como signo ideológico, é nosso princípio de pesquisa, já que é por ela e nela que compreendemos o mundo. A palavra nos orienta, penetra em nossas relações individuais, é o nosso indicador de mudanças e transformações sociais. Nas palavras de Bakhtin/Volochínov (2012, p.42), “a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”.

Bakhtin/Volochínov (2012), ao apresentarem sua concepção de “palavra”, afirmam que a criação ideológica se dá por meio de textos produzidos em determinados meios sociais, dependendo das condições da situação social. Cada grupo social tem sua forma de discurso, “as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p.45). É fundamental que os indivíduos estejam inseridos na mesma situação social e que haja relação de pessoa para pessoa. Só assim a troca linguística se torna possível.

No presente trabalho, estamos interagindo com o texto e com diferentes signos. Nossa unidade de análise é o signo, seja ele verbal ou não verbal. Como iremos trabalhar com capas de jornais, temos que perceber que o jornal, no caso, o jornal *Diário de Santa Maria* traz seus próprios signos. Ficaremos com os elementos ideológicos como a imagens, as cores, as palavras.

Nesta pesquisa, ao analisar as capas do Jornal *Diário de Santa Maria*, poderemos notar como a linguagem nos ajuda a perceber o mundo, persuadir o destinatário, informá-lo e influenciá-lo.

No caso específico desta pesquisa, visões de mundo são materializadas em vários signos que compõem as capas do Jornal *Diário de Santa Maria*. É por meio desses recursos expressivos, como palavras e imagens, que se estabelece a comunicação, com diferentes níveis de profundidade.

O jornal, ao usar determinadas imagens e significados, está interferindo e influenciando na formação do imaginário, o que induz o sujeito a compartilhar de uma mesma visão de mundo. Somos modelados pelos discursos midiáticos,

O processo de seleção e de escolha do que vai ou não ser divulgado, a ênfase em determinados aspectos ou assuntos, a escolha dos temas a serem representados, a omissão ou camuflagem de certas imagens, a representação positiva ou negativa de fatos ou imagens são exemplos de práticas que revelam as opções por determinadas perspectivas políticas ao invés de outras. Sim, o processo seletivo é um processo do qual o elemento político não pode ser afastado ou desconhecido, uma vez que a visibilidade de certos temas implica a invisibilidade de muitos outros (MENDONÇA, 2008, p.42).

3 COMPREENDENDO A LINGUAGEM EMPREGADA EM CAPAS DO JORNAL DIÁRIO DE SANTA MARIA

Uma vez que este trabalho volta-se à compreensão de elementos da linguagem empregada em capas do jornal *Diário de Santa Maria*, é fundamental considerarmos o lugar que o jornal vem ocupando em nossa sociedade. Como observam Bakhtin/Voloshinov (2012, p.33), cada campo da esfera ideológica, que corresponde ao domínio dos signos, possui seu “modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira”. Entre o campo jurídico e campo jornalístico existem, por exemplo, diferenças profundas porque cada um deles dispõe de sua função específica na comunicação da vida social.

Com base nessa perspectiva, cabe destacarmos que o jornal assume um papel muito importante, sobretudo, em função de sua circulação em um determinado espaço social como meio de comunicação de massa. Ele atinge elevado número de pessoas de uma determinada cidade ou região. Com isso, agenda assuntos, normalmente de interesse público, tendo assim um grande potencial para formar opiniões e visões de mundo.

Em relação ao material adotado para análise, é relevante contextualizar que o Jornal *Diário de Santa Maria* faz parte do Grupo RBS (Rede Brasil Sul). É um jornal que circula na região central do estado do Rio Grande do Sul e abrange

aproximadamente 33 municípios. Trata-se de um periódico diário que está no mercado desde 2004, sendo um dos mais lidos na região central do Estado.

Como discutimos anteriormente, os signos verbais e não verbais, não devem ser apenas entendidos como uma “sombra”, um reflexo da realidade. Nas palavras de Voloshinov/Bakhtin (2011, p.156), “a palavra não reflete uma situação extra-verbal da mesma maneira como um espelho reflete um objeto”, mas, ao contrário disso, ela “resolve a situação, ao proporcionar uma espécie de resumo valorativo”. Desse ponto de vista, a situação extra-verbal não deve ser entendida como algo externo ao enunciado, mas como uma parte indissociável dele.

Assim, os textos, como as capas que compõem o jornal, oferecem ao leitor dada maneira de pensar os acontecimentos extra-verbais – neste caso, o acontecimento do incêndio da boate Kiss, passado um ano da tragédia.

Para desenvolver a análise, vamos realizar a leitura de diferentes recursos expressivos usados pelo jornal, sobretudo a imagem. A imagem nos ajuda a compreender o mundo, como diz Bakhtin,

A conversão da imagem em símbolo a reveste de profundidade semântica – a perspectiva semântica. Correlação dialética entre identidade e não identidade. A imagem deve ser compreendida como o que ela é e como o que significa. Através dos encadeamentos semânticos mediatizados, o conteúdo do símbolo autêntico está correlacionado com a ideia de totalidade mundial, com plenitude do universo cósmico e humano. O mundo tem um sentido. “A imagem do mundo manifestada na palavra” (Pasternak) (BAKHTIN, 2011, p.398).

Para iniciar a análise focamos nossa percepção nas cores do jornal. Podemos notar que o nome do jornal vem destacado em um tamanho de letra maior, marcado o realce na cor vermelha e a letra branca em caixa alta. Logo abaixo, há uma estreita faixa azul onde está escrito “Um jornal do Grupo RBS” (Rede Brasil Sul), o que, de certa forma, dá uma credibilidade ao jornal e ao que está nele publicado.

Quadro 2 - Nome do jornal com suas cores tradicionais nas publicações diárias - 28/01/14.



Fonte: Diário de Santa Maria.

Podemos notar que, nas publicações diárias, vermelho e azul são as cores mais utilizadas nas imagens do jornal. Porém nas datas que se aproximam da tragédia e, no próprio dia 27 de janeiro (um ano da tragédia), isso é alterado. Vejamos nas imagens abaixo essa mudança

Quadro 3 - Nome do jornal nos dois dias anteriores à tragédia - 25 E 26/01/14.



Fonte: Diário de Santa Maria.

Quadro 4 - Nome do jornal um ano após a data da tragédia - 27/01/14.



Fonte: Diário de Santa Maria.

Observando os quadros 2, 3 e 4 correspondentes às datas 28, 26 e 27 podemos notar claramente as mudanças nas cores e no uso do símbolo do luto. Considerando as três capas, notamos que as cores mais empregadas são como destacamos anteriormente, o azul e o vermelho. Comparando essas duas cores, observamos, mais especificamente, que o vermelho predomina em relação ao azul. A cor vermelha, nesse sentido, é considerada o princípio da vida com força e poder, uma cor que trazendo resistência e firmeza ao jornal. O azul (CHEVALIER, 2012,

p.107) suaviza as formas e resolve em si mesmo as contradições e as alternâncias traz equilíbrio à capa.

No exemplar dos dias 25 e 26 de janeiro, a letra “O” em “Diário” foi trocada pelo símbolo de luto na cor cinzenta, que, de acordo com o Dicionário de Símbolos, serve para “expressar uma intensa dor. Entre nós, o gris-cinza é uma espécie de cor de luto “aliviado”. A grisalha de certos tempos brumosos dá uma impressão de tristeza, de melancolia, de enfado” (CHEVALIER, 2012, p.248). Em nossa sociedade, usamos esta cor, assim como o preto, como forma de manifestarmos nosso sentimento de luto.

Observamos que, no dia 27 de janeiro, não há a cor vermelha no título. Considerando isso, podemos sugerir que o jornal quer passar a ideia de que não há força, não há vida. Notamos, assim, que as cores usadas são frias e acinzentadas, provocando no leitor tristeza e ressaltando o sentimento de luto.

No exemplar dos dias 25 e 26 de janeiro de 2014, dois dias antes da data da tragédia, o jornal publicou um único exemplar com algumas dedicatórias. No nome do jornal, podemos perceber como já foi citado anteriormente, a letra “O” que foi trocada pelo símbolo do luto na cor cinzenta. O mesmo ocorre na capa do dia 27 de janeiro, o símbolo prevalece.

Quadro 5 - Capa dos dias 25 e 26 de janeiro.



Fonte: Diário de Santa Maria

Quadro 5 - Capa dos dias 25 e 26 de janeiro (continuação).

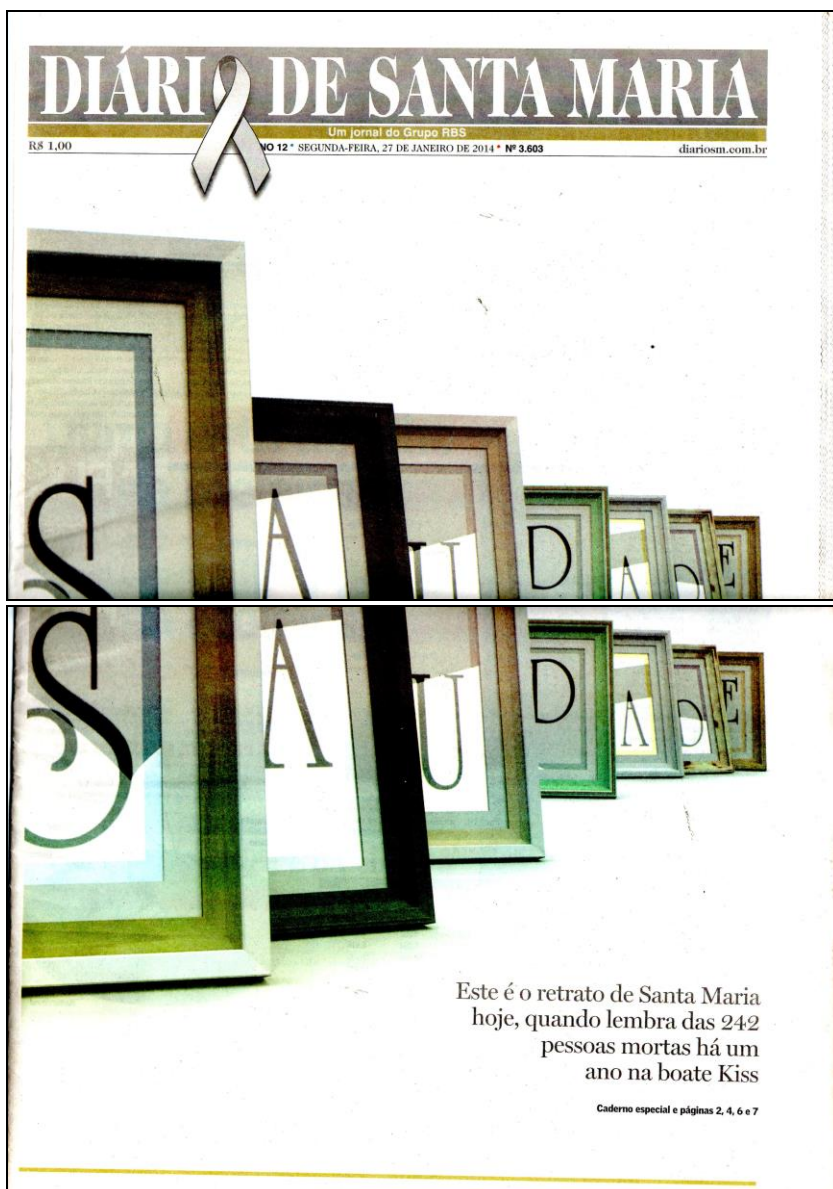


Fonte: Diário de Santa Maria

Nessa capa, podemos notar que boa parte do seu espaço foi utilizada para tratar do acontecimento. O tamanho da letra usado no título da manchete está em um tamanho maior que em outros exemplares e manchetes, chamando assim a atenção do leitor. A manchete, como se pode notar na imagem acima, está pedindo mais prevenção contra incêndios na cidade, que Santa Maria se torne, assim, a capital da segurança. Podemos inferir que, com isso, o jornal pode ter deixado expressa a opinião de que parte do que aconteceu tenha sido provocada pela falta de fiscalização e equipamentos adequados para incêndio. Na legenda da manchete, está sendo tratado de um congresso que será realizado sábado, dia 25, até segunda-feira, dia 27, data da tragédia, relacionado à prevenção de incêndios. Parece-nos que esta data, além de todo peso emocional, também é uma data que relembra a importância da conscientização, fiscalização e segurança em casas noturnas. Após essa leitura pode-se notar que o jornal desenvolve seu discurso em cima da morte. No caso das que já aconteceram e das que podem ser evitadas.

Vamos agora para a segunda capa, dia 27 de janeiro de 2014, segunda-feira, um ano após a tragédia. A cor vermelha e a azul foram trocadas por cores frias, cinzentas. O símbolo de luto no nome do jornal prevalece como na edição anterior. Nesta capa, não há qualquer outra notícia ou manchete, toda ela foi reservada para lembrar o evento na Kiss.

Quadro 6- Capa do dia 27 de janeiro de 2014, um ano após a tragédia.



Fonte: Diário de Santa Maria

A capa traz quadros de fotografias onde está escrito a palavra saudade, em cada quadro há uma letra da palavra. O primeiro quadro, com a letra “S”, está em um tamanho maior, de modo que, no decorrer da palavra, os quadros vão diminuindo gradativamente. Pensamos que o jornal tenha usado essa estratégia de imagem, para mostrar que o que restou foi somente a saudade, as imagens, as fotografias e as lembranças desses 242 jovens. Ao vermos o posicionamento dos quadros, sentimos a necessidade de nos basear em pesquisas relacionadas à fotografia. Com isso, sobre o enquadramento de imagens, podemos levar em conta que “utiliza-se o jogo das linhas para aumentar a profundidade da fotografia. [...] Podemos também utilizar as linhas nas nossas fotografias para criar ilusões e direcionar o olhar de

quem vê as nossas fotografias” (RODRIGUES, 2012). É como se o olhar se perdesse ao lembra-los. Ao pensarmos no passado, podemos entender que

Não se pode mudar o aspecto efetivamente material do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, portanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre). O papel da memória nessa eterna transfiguração do passado. Conhecimento – compreensão do passado em sua índole inacabável (em sua não coincidência consigo mesmo). O elemento de intrepidez no conhecimento. O temor e a intimidação na expressão (seriedade), na autorrevelação, na fraqueza, na palavra. (BAKHTIN, 2011 p.396)

Um fato não muda, porém é possível vê-lo de outra forma no futuro. Os fatos não mudam, mas o sentido e o passado são inacabados e podem sofrer mudanças. De acordo com o passar do tempo e com nossas vivências, passamos a ver o passado de outra forma. Os fatos em si não mudam, apenas a nossa forma de concebê-los. O passado não está pronto, acabado; podemos dar novos sentidos a ele.

Neste mesmo exemplar, podemos ver, na parte inferior, um pequeno texto que diz: “Este é o retrato de Santa Maria hoje, quando lembra das 242 pessoas mortas há um ano na boate Kiss”. O jornal ao usar a expressão “pessoas mortas”, sugere o sentimento de que elas foram assassinadas e não de que foi um acidente, deixando subentendido que há um culpado, por mais que ninguém assuma essa culpa. Outra questão que achamos relevante ressaltar é que, na construção “Este é o retrato de Santa Maria”, consta a ideia de que a dor, a falta e a saudade não são exclusivamente dos familiares e amigos, mas sim de toda uma cidade. Ao referirmo-nos ao sentimento e sofrimento das pessoas Bakhtin (2011) diz que,

Não se trata, de maneira nenhuma, de uma representação exata e passiva, de uma duplicação do vivenciamento do outro indivíduo em mim (aliás, tal duplicação é impossível), mas da transferência do vivenciamento para um plano axiológico inteiramente distinto, para uma nova categoria de valorização e informação. O sofrimento do outro, que vivencio empaticamente, é por princípio diferente – e ademais no sentido mais importante e essencial – do sofrimento dele para si próprio e do meu próprio sofrimento em mim; aqui só é comum o conceito de sofrimento logicamente idêntico a si mesmo: o elemento abstrato não é realizável em forma pura em parte alguma, porque no pensamento vivo até a palavra “sofrimento” é essencialmente ignorada (BAKHTIN, 2011, p.94).

Através disso podemos notar que o jornal ressalta a sensação de vazio, tristeza, de que não há vida, a apenas a morte. Essa é a visão que podemos notar

que o jornal deixa registrada nessa capa do dia 27 de janeiro. O jornal poderia ter focado na justiça na busca por culpados, mas a jornal traz a morte, o sofrimento, a falta, o vazio.

Ao sugerirmos que o jornal traz a morte como seu foco, podemos notar isso por toda a construção sígnica realizada na capa. Primeiramente, pela opção das cores mais frias e tristes, como já citado anteriormente. Outro aspecto relevante é a escolha por deixar a capa com um aspecto mais vazio. A palavra saudade é o complemento para isso, pois a morte de alguém deixa a saudade para os parentes e amigos, assim como o vazio da presença física.

Porém, ao ver todas essas capas, a que mais chamou-nos atenção foi a do dia 28 de janeiro de 2014, terça-feira. Neste exemplar, as cores do jornal voltam ao tradicional de suas publicações diárias e toda ela é dedicada às homenagens feitas na segunda-feira. A manchete apenas diz “Santa Maria, 27/01/2014” uma cidade e uma data, para as pessoas da região que o jornal abrange, são o suficiente para que haja a compreensão. Ao total, são sete imagens, cada uma representa um horário do dia e as diferentes formas de protesto e homenagens que foram feitas.

Quadro 7 - Capa dia 28 de janeiro de 2014.

DIÁRIO DE SANTA MARIA
Um jornal do Grupo RBS
R\$ 1,00 ANO 12 • TERÇA-FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 2014 • Nº 3.684 diariom.com.br

1 ANO DA TRAGÉDIA

De 23h de domingo à 1h de segunda: são pintados na rua 242 corpos, simbolizando as vítimas

9h30min: após caminhada que partiu do Centro, manifestantes colocaram 242 balões na sede do Ministério Público, cobrando justiça

18h: em apoio aos eventos em homenagem às vítimas, comércio fecha mais cedo no Centro

2h: familiares de vítimas acendem 242 velas em frente à boate Kiss, formando um coração, e rezam

11h: durante congresso sobre prevenção, reitor da UFSM, Paulo Burmann (esq.), e pais de vítimas plantam árvore frutífera no campus

19h30min: após ler nomes das 242 vítimas, seguidos de batidas de tambor, houve o Minuto de Barulho

3h: familiares e amigos se emocionam quando sirenes anunciam a proximidade da hora do incêndio

Santa Maria, 27/01/2014
Páginas 8 e 9

VOLTA ÀS AULAS
Dicas para economizar no material escolar
Páginas 6 e 7

AFOGAMENTOS
Quem eram pai e filho mortos em pescaria
Página 12

HOJE NO DIÁRIO
Revista **SAÚDE**
Não deixe de TREINAR

Fonte: Diário de Santa Maria

Nas imagens das 23h de domingo à 1h de segunda, foram pintados, no decorrer da rua onde está localizada a boate, os 242 corpos, representando assim as vítimas. As pessoas que pintaram esses corpos podem ter feito tal opção para provocar a lembrança das vítimas ou também para que as pessoas que vão até o local possam ver a dimensão do evento ocorrido.

Temos também a imagem das 9h30min, em que um grupo de manifestantes coloca 242 balões brancos na frente da sede do Ministério Público. Nesse contexto, o branco pode representar a ausência, o término da vida, o momento da morte, sendo uma cor que representa também a passagem (CHEVALIER, 2012, p.141). Pode-se notar que o jornal noticia sobre o comércio que optou por fechar mais cedo o expediente em virtude das homenagens. Entende-se, com isso, que é um dia de luto, respeito e silêncio. Na fotografia das 2h, os familiares acenderam 242 velas, formando um coração. As velas “simbolizam a luz da alma em sua força ascensional, a pureza da chama espiritual que sobe ao céu, a perenidade da vida pessoal” (CHEVALIER, 2012, p.934).

As 11h temos a imagem de um grupo de pais das vítimas e o reitor da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) plantando árvores frutíferas pelo campus. Na nossa sociedade a árvore, de acordo com Chevalier (2012) é o símbolo da vida, morte e regeneração. É importante mencionar que “suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu” (CHEVALIER, 2012, p.84). Nota-se que a árvore é usada como uma forma de manter essas 242 pessoas vivas de alguma forma. Através da árvore que tem suas raízes fixas na terra, assim como esses corpos que também foram enterrados, sempre haverá uma conexão. É como se a família que ficou com a saudade, a falta, fosse esse caule que se sustenta apesar da dor, e estão ligados entre a terra e o céu. A árvore também sugere vida um ano após da tragédia, pois, mais que haja a morte, sempre haverá vida.

Às 19h30min, temos a foto de um tambor que também foi usado durante as homenagens. A legenda diz que, após cada nome, houve uma batida no tambor, o chamado “Minuto de barulho”. De acordo com Chevalier (2012), o tambor pode ser associado à manifestação, ritmo do universo. Tradicionalmente, em nossa sociedade, quando nos referimos à morte de alguém, realizamos um minuto de silêncio. Neste caso, podemos notar que esse hábito foi trocado: o barulho neste momento pode estar sendo usado como forma de manifesto, para que não ocorra o esquecimento dessas 242 vítimas. Também pode ser visto como rito de passagem, o exemplo disso é que, na África, o tambor está ligado aos acontecimentos da vida humana, é o eco sonoro da existência (CHEVALIER, 2012, p.862).

E às 3h, próximo do horário do incêndio, o retrato é de familiares chorando no local da tragédia,

O problema da seriedade. Os elementos de expressão externa da seriedade: o cenho carregado, os olhos apavorantes, as rugas e pregas juntas pela tensão, etc., são elementos de pavor ou intimidação, de preparativo para o ataque ou para a defesa, um chamamento à subordinação <?>, uma expressão de fatalidade, de necessidade férrea, de peremptoriedade de indiscutibilidade. O perigo faz o sério, o riso autoriza evitar o perigo. A necessidade é séria, a liberdade ri. O pedido é sério, o riso nunca pede, mas o ato de dar é acompanhado de riso. A seriedade é prática e é interesseira no sentido amplo da palavra. A seriedade retém, estabiliza, está voltada para o pronto, para o concluído em sua obstinação e autopreservação (BAKHTIN, 2011, p.397)

É como se eles estivessem vivenciando novamente aquele acontecimento, mesmo sabendo que não há volta. É uma forma de luto e também de manifestação da dor que, em conjunto, todos relembram, sentem e choram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos compreender os discursos que prevaleceram nas capas de jornal *Diário de Santa Maria* sobre a tragédia ocorrida na boate Kiss, por meio de diferentes recursos expressivos e com o auxílio de teorias e estudos realizados pelos estudiosos de Bakhtin.

Por meio dessa análise, que usou como material de estudo uma sequência de capas publicadas no período da semana um ano após o acontecimento, mais especificadamente as capas dos dias 25, 26 27 (data em que completou um ano da tragédia) e 28 de janeiro de 2014, notamos que o jornal veio, durante dias, realizando chamadas e relembrando o acontecimento, como também o usando como forma de protesto e alerta aos problemas das casas noturnas, focando principalmente na questão da segurança.

Mas, o que foi possível notar mais evidentemente, é que, ao realizar a leitura dessas capas, o jornal *Diário de Santa Maria*, que é um meio de comunicação com grande circulação na região central do estado, manteve seu foco na morte. As imagens, as cores, os textos, tudo o que foi usado como estratégia nessas capas nos remeteu à morte, à tristeza, à falta, ao sofrimento, ao vazio.

Com este estudo, podemos notar que, por meio do texto, é que vamos compreender o mundo, através da linguagem e da palavra é que podemos mediatizar a realidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____. **Estética a criação verbal**. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada_6_.marcia_benetti.pdf>. Acesso em: 22 maio 2014.

BIROLI, Flávia. **Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200004&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 26.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DIÁRIO DE SANTA MARIA. Santa Maria: 2014-Diário.

FIORIN, José Luis. **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013.

FOSSÁ, Maria Ivete. **A produção de sentidos em discursos jornalísticos por meio de estratégias de imagem**. Disponível em: <<http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/15/18>>. Acesso em: 20 maio 2014.

GERALDI, J. W. **Pesquisa em linguagem na contemporaneidade**. Quaestio. Revista de Estudos de Educação, Sorocaba, SP, v. 8, n. 1. p.63-72, maio. 2006. Disponível em: <[periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=quaestio&page=article&op=view&path\[\]=125&path\[\]=125](http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=quaestio&page=article&op=view&path[]=125&path[]=125)>. Acesso em: set. 2013.

_____. **Estudar Bakhtin**. Apresentação de livro. In: Grupo de Estudos dos gêneros do Discurso – GEGe/UFSCAR. Pensares bakhtinianos: escritos impertinentes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Heterocientificidade nos estudos linguísticos**. In: GEGe (Org.). Palavras e contrapalavras: enfrentando questões de metodologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês; OLIVEIRA, Francisco de. **Representações do masculino**: mídia, literatura e sociedade. Campinas: Alínea, 2008.

HOUAISS; Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua português**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2009.

MIOTELLO, V.; MOURA, M. I. de. **Apresentação – alargando os limites da identidade**. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (Org.).

A escuta como o lugar do diálogo – alargando os limites da identidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p.11- 14.

NJAINE, Kathie. **Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000200009&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2014.

PONZIO, Augusto. **Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana.** São Carlos: Pedro & João. Editores, 2012. 204p.

RODRIGUES, Carlos. Iniciação à Fotografia Profissional: Enquadramento e composição de fotografias. Disponível em: <<http://www.escolacriatividade.com/enquadramento-e-composicao-de-fotografias/>>. Acesso em: 30 jun. 2014.